

RENOVAÇÃO

1925 - 1926

Revista Quinzenal
de Arte, Literatura e Actualidades

Apresentação

A exposição *Renovação* mostra pela primeira vez a colecção completa desta revista das vésperas da queda da 1.ª República e foi organizada pelo Arquivo de História Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa a fim de comemorar os seus 30 anos de existência e de dar a conhecer melhor a grande variedade temática e cronológica dos fundos do AHS.

O enfoque é posto nesta «revista quinzenal de arte, literatura e actualidades» publicada pelo jornal anarco-sindicalista *A Batalha*. A revista teve uma vida curta: saíram 24 números entre 2 de Julho de 1925 e 15 de Junho de 1926. Contou com a participação de destacados colaboradores, entre os quais Ferreira de Castro, Bento Faria, Eduardo Frias, Mário Domingues, Ladislau Batalha, Rocha Martins e Julião Quintinha. O último número saiu um mês antes do estabelecimento da censura prévia à imprensa.

A colecção da *Renovação* foi doada ao AHS em 2008 graças à generosidade de Vítor Luciano, vindo completar o espólio de António Tomás Pinto Quartin (1887-1970).

Se a fonte principal da exposição é, sem dúvida, a própria revista, ilustrando a ideia de que a imprensa é uma fonte preciosa para o(a)s investigador(e)s, são expostos muitos outros documentos inéditos do Espólio Pinto Quartin.

A comissão executiva da exposição, Rita Almeida de Carvalho, e o arquitecto responsável, João Pedro Silva, conceberam um «layout» da exposição apelativo através da ampliação da escala dos documentos e da introdução de imagem em movimento.

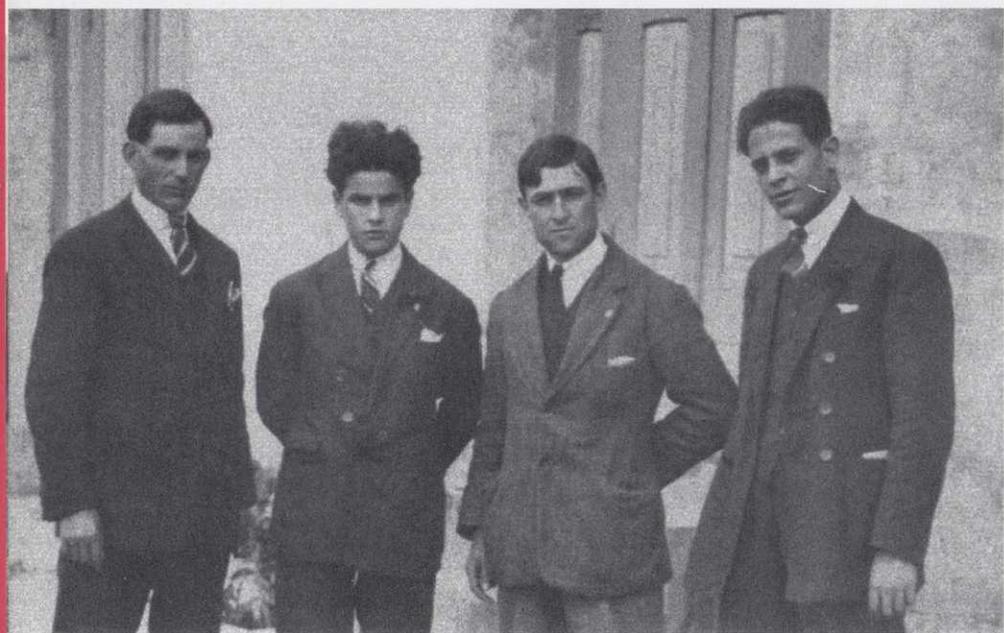
Dentro das limitações de espaço do ICS conseguiu realizar-se, graças à generosidade de Vítor Luciano apoiado por Manuela Pilar e ao entusiasmo de Rita Almeida de Carvalho, João Pedro Silva e Maria Goretti Matias uma pequena exposição que estará patente ao público durante cerca de três meses com propósito de dar a conhecer melhor o Arquivo de História Social.

Manuel Villaverde Cabral, antigo presidente do Conselho Directivo do ICS

Anne Cova, responsável científica do AHS









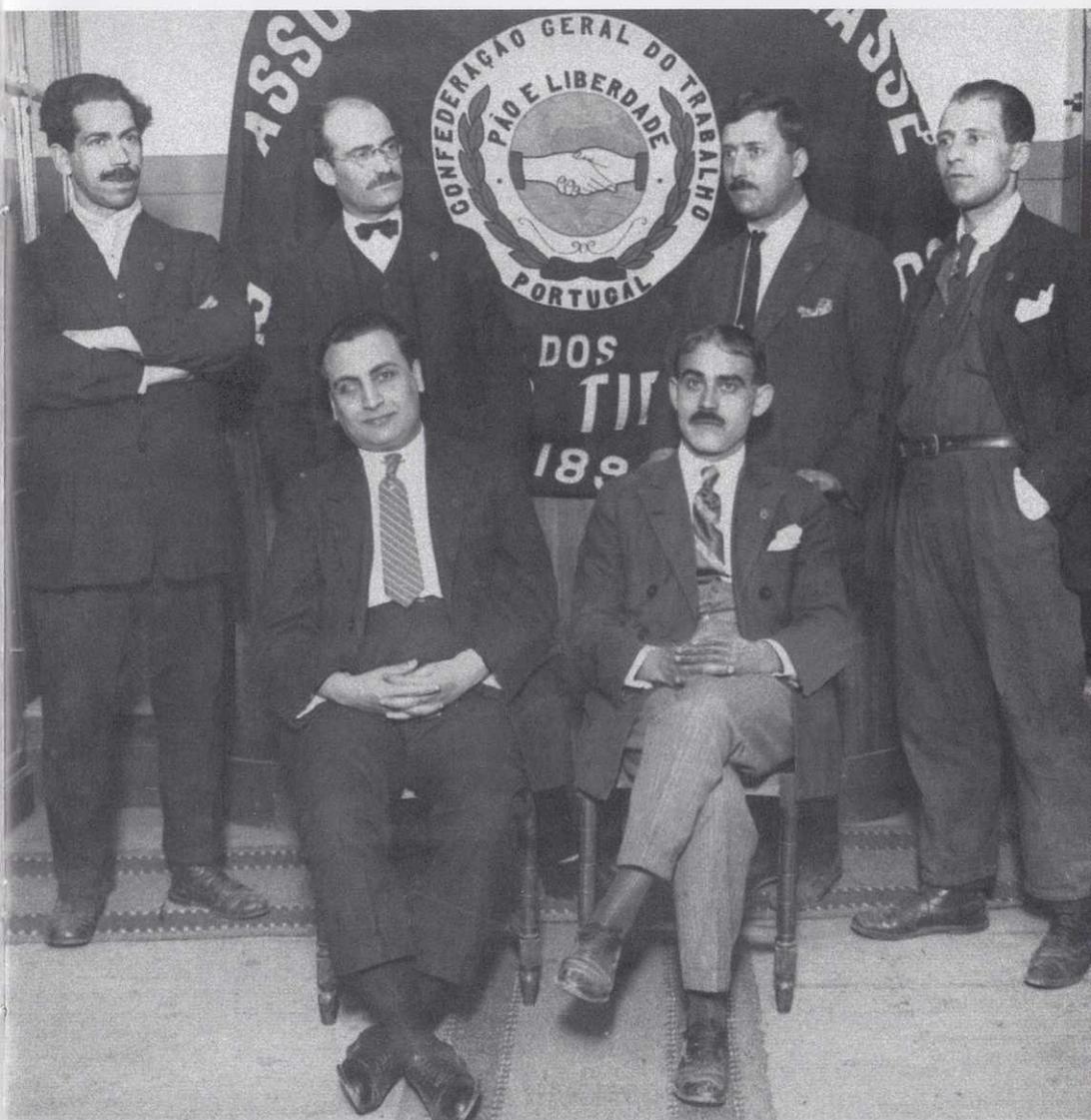


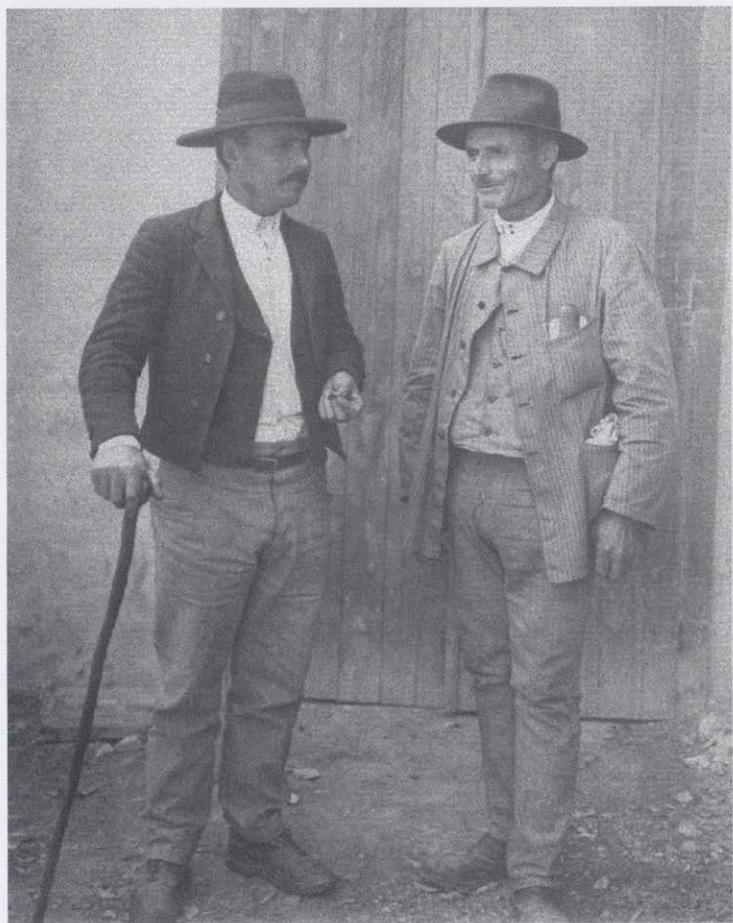




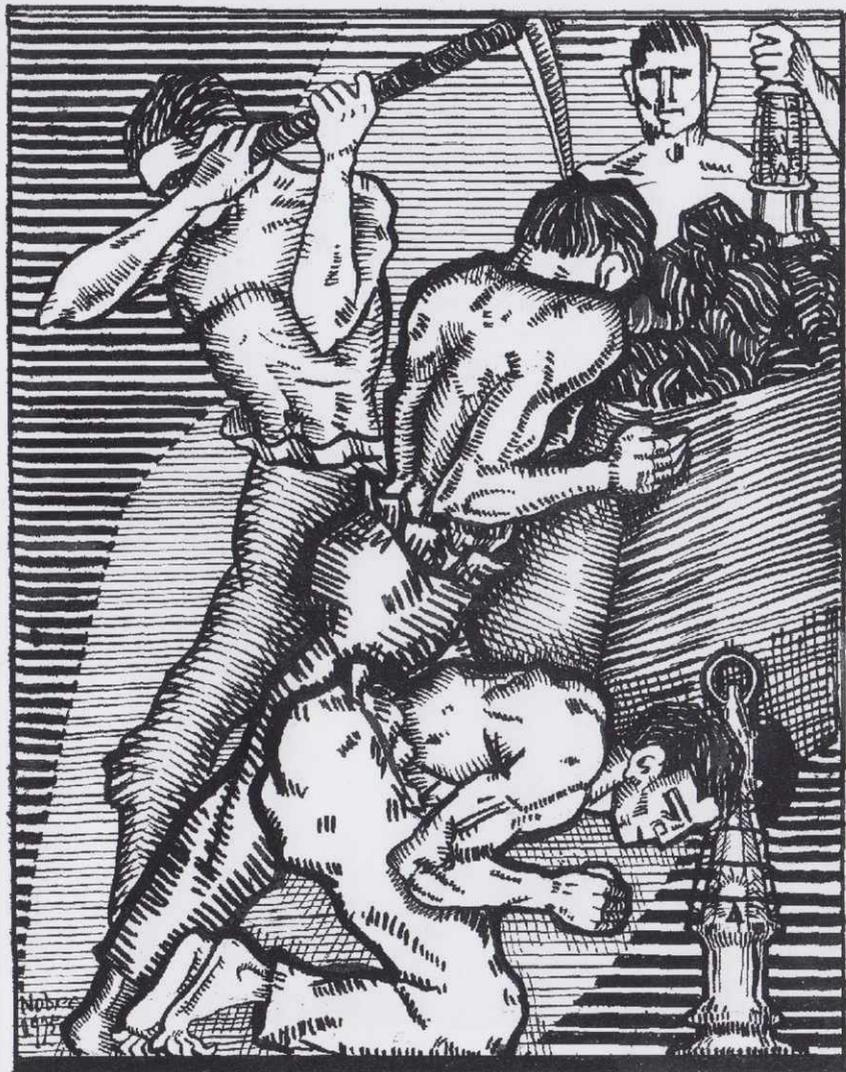






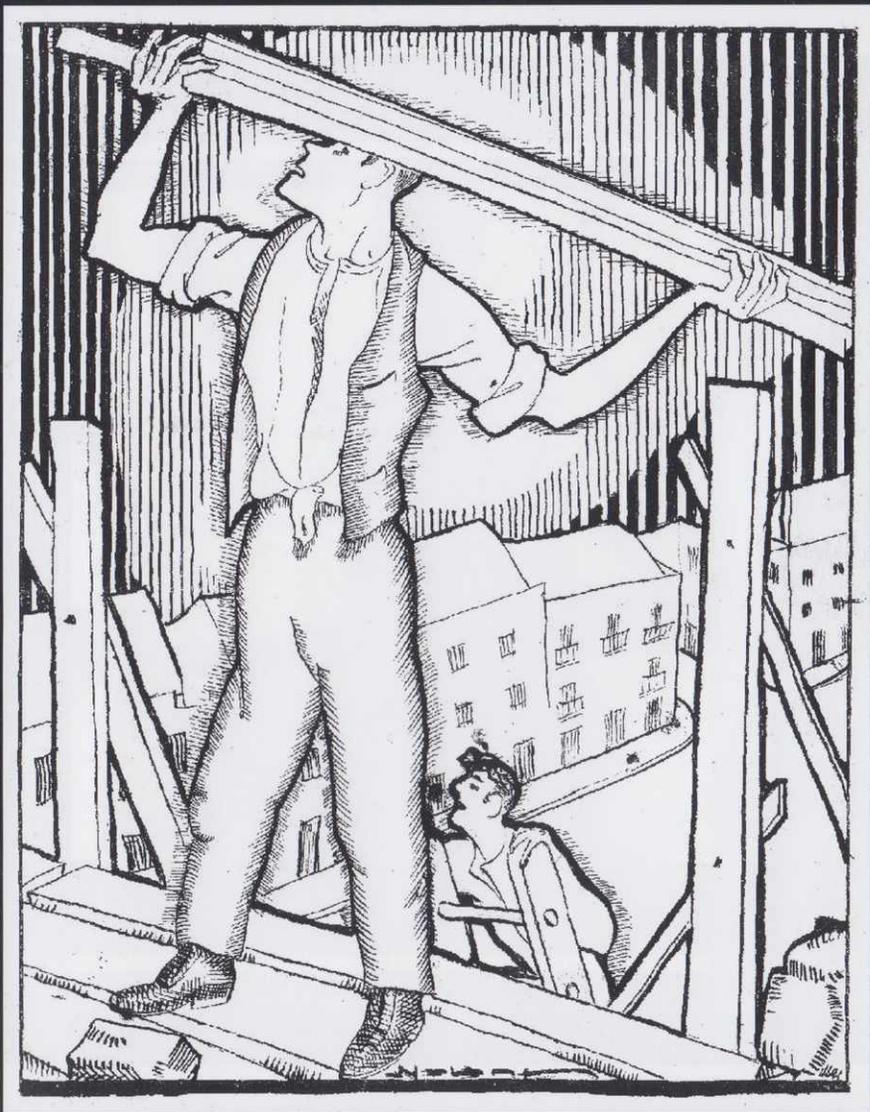


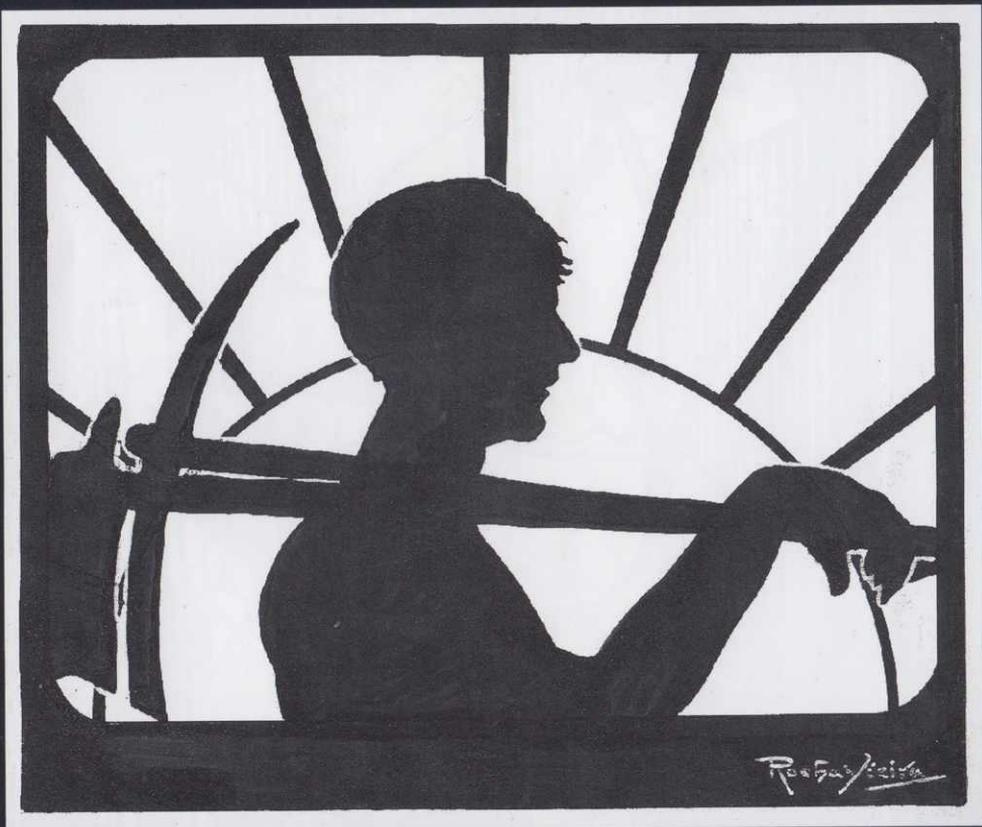




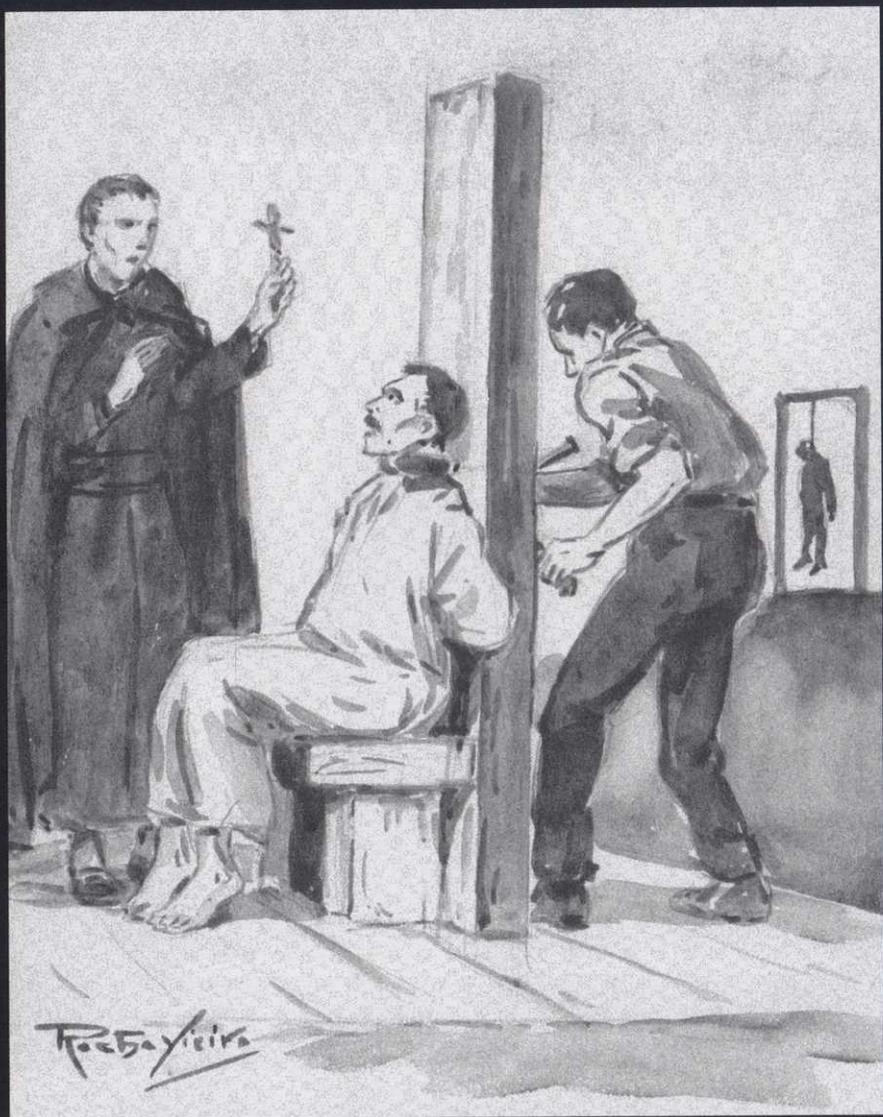


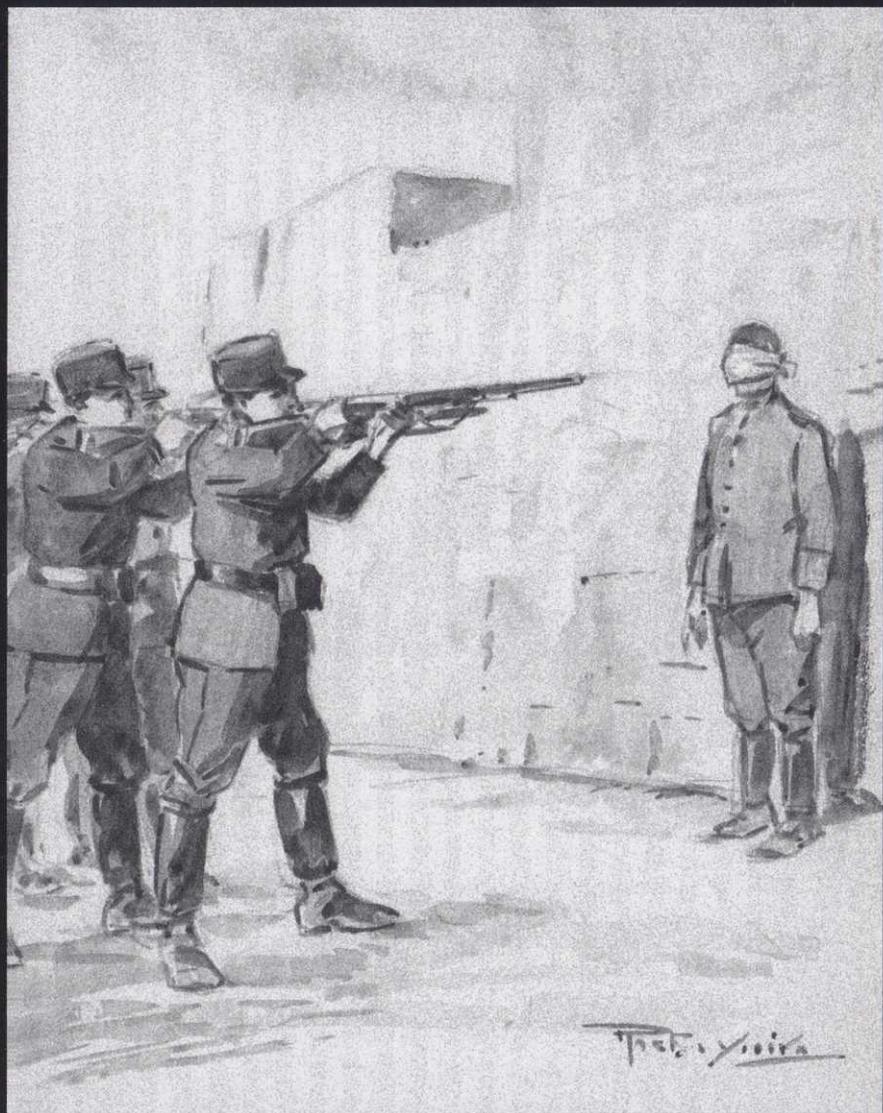












1 Carregadores do porto de Lisboa na praça Duque da Terceira. Fotografia publicada na *Renovação* nº 21, 1 de Maio de 1926. Espólio Pinto Quartin, AHS

2 Grupo de operários das obras públicas «despedidos por falta de verba». Fotografia publicada na *Renovação* nº 7, 1 de Outubro de 1925. Espólio Pinto Quartin, AHS

3 A comissão organizadora do Congresso das Juventudes Sindicalistas. Fotografia publicada na *Renovação* nº 22, 15 de Maio de 1926.

4 Membros da Confederação Geral dos Trabalhadores e da Associação Internacional dos Trabalhadores. Fotografia publicada na *Renovação* nº 8, 15 de Outubro de 1925. Espólio Pinto Quartin, AHS

5 Assistência do 1º Congresso Confederal da Associação Internacional dos Trabalhadores. Fotografia publicada na *Renovação* nº 8, 15 de Outubro de 1925.

6 Aspecto das oficinas de composição de *A Batalha*. Fotografia publicada na *Renovação* nº 8, de 15 de Outubro de 1925. Espólio Pinto Quartin, AHS

7 Manifestação junto ao edifício da CGT, na Calçada do Combro. Fotografia publicada na *Renovação*, nº 13, de 1 Janeiro de 1926. Espólio Pinto Quartin, AHS

8 Corpo cénico da União dos Empregados de Comércio do Porto. Fotografia publicada na *Renovação* nº 12, 15 de Dezembro de 1925. Espólio Pinto Quartin, AHS

9 Comissão organizadora das festas da semana de *A Batalha*, no seu sétimo aniversário. Fotografia publicada na *Renovação* nº 18, 15 de Março de 1926. Espólio Pinto Quartin, AHS

Legendas

Delegados ao Congresso Confederal dos Trabalhadores Rurais de Évora e da Federação Rural. Fotografia publicada na *Renovação* nº8, 15 de Outubro de 1925.
Espólio Pinto Quartin, AHS

10

Engraxador lisboeta. Fotografia publicada na *Renovação* nº 20, 15 de Abril de 1926.
Espólio Pinto Quartin, AHS

11

Os mineiros, desenho de Roberto Nobre, s/d.
Colecção Vítor Luciano

12

Os ferreiros, desenho de Roberto Nobre, s/d.
Colecção Vítor Luciano

13

Os fundidores, desenho de Roberto Nobre, s/d.
Colecção Vítor Luciano

14

Os constructores, desenho de Roberto Nobre, s/d.
Colecção Vítor Luciano

15

Desenho de Rocha Vieira para a capa do nº 9 da *Renovação*, publicada a 1 de Novembro de 1925.
Colecção Vítor Luciano

16

Projecto de capa para a *Renovação*, desenho de Rocha Vieira, s/d.

17

«O garrote e a forca. Instrumentos de morte legalmente adoptados e santificados pela Religião», desenho de Rocha Vieira, publicado na *Renovação* nº2, 15 de Julho de 1925.

18

«Fuzilar? Acto meritório», desenho de Rocha Vieira, publicado na *Renovação* nº2, 15 de Julho de 1925.
Colecção Vítor Luciano

19

Pinto Quartin e a *Renovação*

João Freire

António Tomás Pinto Quartin (1887-1970) nada parece ter a ver com a revista *Renovação*. Esta é um magazine com fotografias e ilustrações, lançado pela secção editorial do diário sindicalista *A Batalha* em Junho de 1925, quando já está de saída o efémero governo do PRP presidido por Vitorino Magalhães. Subintitula-se “revista quinzenal de arte, literatura e actualidades” e pretende obviamente imitar e concorrer esse outro tipo de publicações que tinha na *Ilustração Portuguesa*, do grupo de imprensa d’*O Século*, o seu mais apreciado exemplo. Mas sendo feita por inteligências rebeldes, não se estranha que proclame: “É preciso restaurar tudo em beleza. Desvendar novos horizontes ao pensamento. Trazer a arte à comunhão de todos. Não fazer das ideias privilégio de uns tantos. A isso vimos.”¹

De facto, percorrendo a colecção da revista que suspende abruptamente com o nº 24, datado de 15 de Junho de 1926, sendo fácil imaginar porquê, nem uma única vez se encontra a assinatura de Pinto Quartin, seja na ficha técnica, seja a subscrever algum texto. De acordo com Ricardo Alves², os grandes animadores desta revista foram Ferreira de Castro e Eduardo Frias³, bem secundados por Nogueira de Brito, Mário Domingues, Ladislau Batalha ou Rocha Martins, além de outros. E, contudo, Quartin fora fundador e era, à época, redactor d’*A Batalha*. Na realidade, exercia mesmo as funções de chefe-de-redacção do diário no período da existência da *Renovação*⁴, sabendo-se ainda que às mãos de Quartin chegariam colaborações para a revista. Seria apenas uma funcional divisão-de-tarefas? Ou seria a sua simultânea condição de jornalista “burguês” muito criticada por alguns, como de resto a de Jaime Brasil e a do controverso Mário Domingues⁵ a justificar aquela ausência?

O que não há dúvida é que Pinto Quartin foi sempre um homem de jornais e um defensor de ideias e causas libertárias mas provavelmente também um refractário à disciplina das organizações e avesso às tácticas políticas muito elaboradas.

Nasceu no Rio de Janeiro de mãe brasileira e pai português, de um meio familiar abastado, vindo para Coimbra em 1905 estudar direito, mas logo se notabilizando entre os

estudantes contestatários⁶ que em Março de 1907 lançaram a greve académica e acabaram expulsos da academia⁷, recusando-se Quartin a prosseguir estudos, antes se envolvendo mais no meio dos activistas anarquistas. Um ano depois, vemo-lo a escrever para o efémero diário operário *A Greve*, de componedor na mão, alinhando os tipos dos seus próprios textos, para a secção “A minha carteira”⁸. Mas nesse mesmo ano ingressa como profissional na redacção d’*O Século*, onde se manterá longamente.

Isso não o impede de ser o impulsionador de várias folhas anarquistas, como *O Protesto* (Lisboa, 1908-09) ou a revista *Amanhã* (Lisboa, 1909), com Grácio Ramos, colaborando também na *Lúmen* (Lisboa, 1911-13) ou no semanário *AAurora* (Porto, 1910-20). Também nesses anos Quartin redige e publica pequenas brochuras de propaganda, como *Libertai-Vos!* (dirigida às mulheres), *Vítimas da Guerra* (conto anti-militarista), *Mocidade, Vive!* (apelando aos jovens), *Eu e a Questão Universitária* (onde “salda as suas contas” com a universidade), etc.

Entre 1911 e 1913, o activismo anarquista é transbordante entre nós, procurando demonstrar que o governo republicano não era melhor do que a Monarquia. Na sua residência da Rua Heliodoro Salgado⁹ reúnem-se alguns dos melhores intelectuais deste movimento (Neno Vasco, outro português-brasileiro¹⁰, Sobral de Campos, Aurélio Quintanilha, etc.): querem trazer Kropótkine a Lisboa; discutem a orientação dos libertários perante o sindicalismo; e decidem a criação do semanário *Terra Livre* (Lisboa, 1913), que Quartin dirige até ser expulso para o Brasil, por causa de um atentado bombista no “dia de Camões”. Valeu-lhe a ajuda de Bernardino Machado, então nosso embaixador naquele país, e a solidariedade de organizações e publicações operárias brasileiras, que por ele intercederam, tal como o Congresso Internacional do Livre Pensamento que na ocasião se reunia¹¹. Apesar da expulsão ter sido por dez anos, Quartin pôde regressar a Lisboa logo em 1915.

Os anos seguintes são muito marcados pela empresa editorial militante d’*A Batalha*, “Diário da manhã, porta-voz da organização operária portuguesa”. Mas Pinto Quartin arranja tempo e energias para colaborar também em jornais como *Última Hora*, *Actualidades*, *A Tarde*, etc.¹², tal como durante a estadia no Brasil escrevera na revista *A Vida* e, após o regresso a Lisboa, no boletim da UON O Movimento Operário (Lisboa, 1917-18) e de novo n’*A Aurora*, do Porto. Viveu uns anos

em Luanda¹³, onde trabalhou na actividade bancária e colaborou nos jornais *Província de Angola* e *O Planalto*, além de ali ter publicado a peça teatral *Trezentos Contos* e a novela *A Lenda* e o *Processo do Estranho Caso Pauling*.

Naturalmente, a sua vida pessoal e familiar seguiu o curso que ele lhe quis imprimir. Casou com Deolinda Lopes Vieira, professora primária¹⁴ e participante naquelas movimentações, de quem nasceram os filhos Orquídea, Hélio e Glicínia. Tornaram-se também participantes num projecto de "comuna livre" em Albarraque, que os anarquistas Carlos Nobre e Jorge Campelo ali criaram no início dos anos 20, mas que veio a fracassar e ser partilhado, sob a forma de lotes urbanos, entre um bom número de pessoas de ideias "avançadas"¹⁵.

Para o período posterior à Segunda Guerra Mundial, três referências importantes devem ser feitas. No plano profissional, Quartin é jornalista n'O *Primeiro de Janeiro*, dirigindo durante vários anos (até 1960) a delegação deste diário em Lisboa, logo no início da Rua do Carmo (entroncando com a Rua 1º de Dezembro), à direita de quem sobe. Segundo testemunhas directas¹⁶, este escritório foi igualmente frequente local de reuniões de oposicionistas ao regime de Salazar, prática que prosseguiu depois da aposentação do jornalista, em que o seu lugar foi ocupado por outro homem de fortes convicções libertárias, o açoreano Jaime Brasil¹⁷. No plano ideológico, temos notícia de fonte testemunhal¹⁸, apoiada em vários documentos fotográficos¹⁹, referindo-se à existência de reuniões, nos anos 40-50, em casa e em torno da figura de Alexandre Vieira, onde participavam com regularidade Pinto Quartin, Manuel de Figueiredo²⁰, Julião Quintinha, Emílio Costa, João Campos Lima e outros da "velha guarda" anarquista e anti-fascista. Por exemplo, os livros então publicados por Alexandre Vieira²¹ teriam resultado do consenso ou do incentivo destes companheiros.

Outra prova mais consistente que possuímos da evolução desta geração libertária é o "programa constitucional" por eles elaborado cerca de 1943-44, na perspectiva de uma vitória aliada na guerra e de uma próxima queda da ditadura portuguesa. Desse grupo, que se reunia geralmente no Café Chiado, faziam parte Emílio Costa, Campos Lima, Pinto Quartin, Jaime Brasil e Alexandre Vieira, pelo menos, e o documento é altamente elucidativo da sua moderação e realismo político²², aproveitando igualmente as lições que teriam tirado da guerra civil de Espanha revendo

consideravelmente alguns dogmas afirmados na juventude, sem contudo se deixarem cair na negação dos princípios e valores que sempre os haviam guiado.

Por último, vale a pena lembrar que António Pinto Quartin seria também (como tantos outros seus camaradas) um excelente arquivista, preocupado em salvaguardar toda a publicação e documentação que pudesse vir um dia servir para estudar e compreender uma época revoluta. O seu espólio documental foi legado à Casa da Imprensa e acabou por chegar ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, onde constituiu o núcleo inicial do "Arquivo Histórico das Classes Trabalhadoras". Esta exposição também traz essa referência.

1 Do editorial de apresentação, não assinado mas provavelmente da autoria de Eduardo Frias. *Renovação*, (1), 2. Julho. 1925, p. 1.

2 Ricardo António Alves: "Ferreira de Castro e a Renovação", in Ciclo de Conferências "A Batalha: noventa anos de imprensa sindicalista", Lisboa, Museu da República e da Resistência, Outono de 2008, à espera de publicação.

3 Que viria a aderir ao regime da ditadura.

4 Jacinto Baptista: *Surgindo Vem Ao Longe a Nova Aurora...*, Lisboa, Bertrand, 1977, p. 108.

5 A juntar aos conflitos políticos internos, a posição d'A *Batalha* no caso do Banco Angola e Metrópole veio levantar mais uma polémica no seio da CGT, pondo em causa os "jornalistas profissionais" que dominavam a redacção do jornal.

6 Entre eles, Ramada Curto, Carlos Olavo, Alberto Xavier ou o já anarquista João Campos Lima.

7 Alberto Xavier: *História da Greve Académica de 1907*, Coimbra, Coimbra Ed^a, 1962; e <http://dererummundi.blogspot.com> (De Rerum Natura: A Greve Académica de 1907 em Coimbra).

8 Jacinto Baptista cit., p. 41.

9 Talvez também tivesse vivido um tempo na 'Vila Sousa', junto à Igreja da Graça (cit. mem. A. Botelho). Deste seu contemporâneo (e conhecido de Neno Vasco), ver, Adriano Botelho: *Memória e Ideário*, R. A. Açores, Secr. Reg. Educ. e Cultura, 1989.

10 Ver a recente tese de doutoramento de Alexandre R. Samis: *'Minha Pátria É o Mundo Inteiro': Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos*, Lisboa, Letra Livre, 2009.

11 Ver Edgar Rodrigues: *Os Anarquistas e os Sindicatos*: Portugal, 1911-1922, Lisboa, Sementeira, 1981.

12 <http://arepublicano.blogspot.com> (*Almanaque Republicano*: Pinto Quartin).

13 Entre 1930 e 1936, segundo *Almanaque Republicano* citado.

14 Nomeadamente, na Escola-Oficina nº 1, em Lisboa. Ver a tese de doutoramento de António Candeias: *Educar de Outra Forma: a Escola-Oficina nº 1 de Lisboa, 1905-1930*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1994.

15 Ver João Freire: *Ideologia, Ofício e Práticas Sociais: O Anarquismo e o Operariado em Portugal, 1900-1940* (tese de doutoramento), Lisboa, UTL, ISCTE, 1988, 2 v.

16 Por exemplo: Adriano Botelho cit.; Francisco Quintal (deste, ver: *Palavras Veementes*, Lisboa, Sementeira, 1988); ou Emídio Santana: *Tempos de Luta, de Adversidade e de Esperança: Memórias de Um Militante Anarco-Sindicalista*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1985.

17 Ver Adriano Botelho cit. e Pedro da Silveira (cit. mem. ao autor), sobre este "tenente anarquista".

18 De Alfredo Ferreira, fotógrafo, que fez parte dessa tertúlia (cit. mem.). António Valdemar, então jovem jornalista, também terá participado.

19 Alguns deles depositados no "Arquivo Histórico-Social", integrado no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, da Biblioteca Nacional de Portugal.

20 Sogro do jornalista Jacinto Baptista.

21 *Em Volta da Minha Profissão* (1950), *Figuras Gradadas do Movimento Social Português* (1959), etc.

22 Ver João Freire: "A evolução ideológica de alguns expoentes do anarquismo português no pós-guerra", *Revista da Biblioteca Nacional*, S. 2, Vol. 10, Nº 1-2, Jan.-Dez. 1995, p. 123-168.

Organização

AHS
ARQUIVO
DE HISTÓRIA SOCIAL



